

CORPOS DISSIDENTES, ARTES DESVIADAS E EXERCÍCIOS POLÍTICO- SITUADOS DE DESCOLONIZAÇÃO DAS SUBJETIVIDADES

Herbert de Proença Lopes

*Doutorando do Curso de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade da Universidade Estadual Paulista - Assis/SP, professor do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica/PR-Campus Londrina
herbert.proenca@gmail.com;*

Rafael Siqueira de Guimarães

Orientador da pesquisa, professor do curso de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade da Universidade Estadual Paulista -Assis/SP, Professor da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) rafael.guimaraes@cja.ufsb.edu.br

Resumo

Este trabalho refere-se a um processo em construção: uma pesquisa de doutorado em Psicologia e Sociedade, iniciada em 2021. O que é compartilhado aqui, já resultado de percursos teórico-metodológicos, configura apostas que fazemos em processos ainda a serem inventados, e rastros a serem cartografados. Nosso interesse nessa pesquisa é acompanhar o movimento de produções ético-estético-políticas, denominadas de práticas artivistas. O método da cartografia oferece pistas nessa direção, sendo a proposta acompanhar coletivos e artistas nacionais, interessados em produções artísticas que pautem dissidências sexuais e de gêneros, existências marcadas historicamente por lugares da diferença e modos de ser tidos como periféricos, desviantes ou marginalizados. De modo prático, a pesquisa propõe intercâmbios artísticos com diferentes coletivos e artistas, intercâmbios tomados como trocas construtivas, vivências compartilhadas. O processo de pesquisa nos coloca

em diálogo com a produção de discursos científicos assumidamente posicionados, devidamente encarnados, como os aqui buscados, produzidos por pesquisas desenvolvidas COM artes. Das vivências compartilhadas, pretendemos cartografar modos de subjetivação resistentes, imbricados na associação borrada entre arte e vida. Com isso, compartilhar modos de descolonização do corpo, seguir caminhos de criação de novas figurações de sujeito, sujeita, sujeito e subjetividade. Os resultados esperados, aqui denominados de “apostas”, se refere a produção de problematizações sobre modos de subjetivação e resistência no presente; potencializar as ressonâncias das lutas compartilhadas com os coletivos e artistas no atual contexto; e, por fim, criar “produtos” artístico-teatrais, vividos pelo pesquisador, inventados como dispositivos de lutas político-emancipatórias: no caso da pesquisa proposta, experimentações de descolonização das subjetividades.

Palavras-chave: ativismo, subjetividade, descolonização

Introdução

Neste trabalho compartilho o projeto de pesquisa de doutorado em Psicologia e Sociedade do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Paulista UNESP/Assis. Os processos de doutoramento e pesquisa foram recém-iniciados, em 2021, porém são resultados de trajetórias de pesquisa que tenho desenvolvido na intersecção entre arte/psicologia/militância. Algumas destas experiências serão narradas ao longo do texto na medida em que contribuem para a configuração e delineamento da pesquisa.

De início, ressalto os contextos de produção deste projeto é também responsável pelo que pretendemos mobilizar enquanto produção de saberes e práticas acadêmicas, artísticas e ativistas. Gestado em 2020, sua construção acompanhou a crise sanitária causada pela pandemia do COVID 19 no mundo e no Brasil. Temos acompanhado as crises políticas e econômicas que fazem com que se atualizem e intensifiquem estruturas históricas de dominação, assim como as novas formas necropolíticas que devem ser creditadas na conta da atual gestão da política de governo federal. Nomeá-lo de desgoverno talvez fosse uma injustiça às políticas de desconstrução, o que nesse caso, indicariam formas de desviarmos dos projetos políticos institucionais, hegemonicamente marcados por um projeto colonial, machista, racista, legbtfóbico e genocida que imperam – não sem resistências – durante séculos.

Dito isso, esta proposta de pesquisa é atravessada por angústias - que pedem passagem. Pedem transformação, não em adaptacionismos ou em novos sintomas, novos encaixes nosográficos. Angústia que movimenta, que põe em ação novos modos de pensar, sentir e estar no mundo atual. Segundo Preciado (2018), a possibilidade de resistência micropolítica nestes tempos reside em “sustentar o mal-estar”, e dele fazer uma “gestão coletiva e criativa [...] para permitir a germinação de outros mundos (p. 17). Este mundo atual, da perspectiva mais macro à mais micro, dos fenômenos vividos a nível mundial ao resguardo da casa das pessoas que têm essa condição, esse mundo tem modos muito distintos de estar no mundo, mas que passam por estados emocionais intensos. Lugares de vivência, lugares de sentimento, lugares de fala; sujeitos, sujeitas e sujeites, como anuncia Carla Akotirene (2019), construídos nas encruzilhadas.

A primeira necessidade/desejo deste projeto é pautar vivências desviantes, modos de vida circunscritos como subalternos, interseções entre experiências pessoais e coletivas, formas de saber que são supostamente silenciadas. A sub-humanidade, pegando essa ideia emprestada de Ailton Krenak (2019) que a utiliza na relação com povos originários, pode estabelecer conexões parciais com outras categorias tidas como não-humanas, abjetas. As sub-humanidades, aquelas que insistem em sobreviver, povos indígenas, travestis e outras existências trans, LGBs – diante de diferentes políticas de extermínio, sobrevivem. Se tomarmos essa ideia não localizada no(a) sujeito(a), mas nele demarcada, e admitirmos que a implicação é de algum modo importante, posso aqui incluir as sub-humanidades que me atravessam, pode incluir as suas também.

Na experiência de pesquisa do mestrado, desenvolvida neste mesmo programa de pós-graduação, a proposta foi acompanhar processos de criação teatral vividos por mim, enquanto pesquisador e parceiro de luta, junto com o Coletivo Elitytrans, um coletivo de militância trans e travesti, formado em 2012 na cidade de Londrina, interior do Paraná. A proposta daquela pesquisa, desenrolada entre produções cênicas e acadêmicas, foi construída como aliança com o coletivo, uma práxis assumidamente criadora, assumidamente ativista, assumidamente implicada. O mestrado, realizado entre 2015 e 2018, assim, acompanhou o desenvolvimento de oficinas teatrais que levou a criação de um grupo de teatro nomeado de Cia. Translúcidas. Teve a participação inicial de travestis e mulheres trans do coletivo, mas logo ampliou-se com a participação de homens trans, além de alguns LGBs, um dos quais sendo o próprio pesquisador, que entrou em cena.

Das oficinas, criamos a peça “Transtornada Eu”, surgida da necessidade de pautar as vivências pessoais, trans, travestis, LGBSs: vivências marcadas por diferentes violências mas, sobretudo, carregadas de muitas potências. A peça deu lugar, posicionalidade, a muito do que queríamos falar sobre os cotidianos que permeiam tais vivências. Falar disso processava mudanças na significação destas experiências de vida, ao passo que criávamos posições em cena, hibridizadas com as posições de vida. Estas posições foram gerando, nos exercícios criativos e imaginativos do jogo teatral, figurações como possibilidades de existir avessas às classificações/identificações sobrepostas.

No exercício de inventar posições subjetivas, por exemplo, abordamos a passagem da condição-monstro (atribuída) à posição-monstro (assumida), posição que se fortaleceu com o poema *Yo, monstro yo*, de Susy Shock (2015). Paradoxalmente, a posição-monstro seria uma forma de produzir visibilidade sobre potencialidades e não sobre precariedades destas formas de vida. Nestas brincadeiras, ficções ontológicas, nos encontramos com a perspectiva *queer*, chamada na ocasião de traveca, bicha, capeta, monstra e outros termos que aparecem na dissertação, articulada em meio aos encontros produtores de sentidos múltiplos, compartilhados nas oficinas (LOPES, 2018). Questionando parâmetros de normalidades instituídos, nos imaginamos pertencendo a um território estranho. Nos reconhecemos:

Os proibidos e não recomendados são seus habitantes. *Los atravesados*. Vivem aqui: os vesgos, os perversos, os estranhos, os problemáticos, os vira-latas, os mestiços, os meio-mortos; em suma, aqueles que atravessam, ignoram ou passam dos limites do “normal” (...) Os únicos habitantes “legítimos” são aqueles no poder, o branco e aqueles que se alinham com os brancos (ANZALDÚA, 2007, p. 3-4, tradução nossa).

De todas as iniciativas criadas, faço questão de destacar a potência da arte como disparadora e organizadora destas ações (e também como desorganizadora de alguns modos instituídos de organização social e existencial). Na pesquisa, problematizamos a arte como dispositivo de luta política emancipatória, e entendemos os processos acima descritos como também disparados pela experiência da Cia. Translúcidas. O destaque que quero fazer ver é sobre os efeitos plurais produzidos por estas experiências em nossas posições subjetivas. Aqui articulamos resistência e também criação, mas acima de tudo, encontramos “ar para respirar”. Desta experiência saímos diferentes.

Esse projeto surge da necessidade/desejo de ampliar essa discussão, se demorando sobre o problema de pensar os efeitos da criação artística nos modos de existência, pessoais, coletivos, simbólicos e materiais diante dos sistemas de opressão, exclusão e extermínio historicamente construídos. Por esse motivo, faço o resgate do percurso de mestrado, observando as dinâmicas do pesquisar que transbordam os limites institucionais, sejam da Academia, ou mesmo dos campos de produção em arte.

Obviamente não falamos de qualquer arte, ou qualquer concepção de arte. Trata-se de um terreno também colonizado, e nos interessa colocá-lo em disputa a fim de produzir brechas, criar dimensões ético-estético-políticas que mais nos interessa. Não por acaso, encontramos nas artes desviadas, ou nos artivismos, uma possibilidade de diálogo com o tipo de arte que experimentamos. Em diálogo com Leandro Colling (2019), podemos conceber o ativismo um movimento plural de disputas e transformações, criador de novas possibilidades ético-estético-políticas pautadas por dissidências sexuais e de gêneros e que ganham visibilidade na atualidade. Ativismo, termo que mistura arte e ativismo, tem sido explorado para definir modalidades artísticas que produzem poéticas ativistas, interessadas na estética relacional e privilegiam práticas híbridas, de modo a romper a dicotomia entre arte e política.

Continuo interessado nestas brechas, produzidas pela criação artística, que tornam possíveis a invenção de mundos e a ficcionalização de expressões de vida. Possíveis pois criam materialidades, resistências diante das políticas de repressão, marginalização e extermínio. Todas as figurações criadas, experimentadas, encenadas foram entendidas como brincadeiras ontológicas. Figurações políticas são, como provoca Paul B. Preciado (2014), “brincadeiras ontológicas, imposturas orgânicas, recitações subversivas, de um código sexual transcendental falso” (p. 31).

Ao contrário de afirmarmos uma subjetividade (mesmo que alternativa) como modelo, estamos mais interessados nas vias de singularização (ROLNIK; GUATARRI, 1986), no que faz movimentar tais processos. Recorremos à “imaginação fabulativa *queer* voltada as ontologias variáveis do contemporâneo” (GALINDO, 2013, p. 43), e assim jogar/gingar com as possíveis combinações que recriam posições na/de vida, sobre os modos como nos atiramos nas rodas de relações. Jogar/gingar é cartografar/corpografar mundo, de modo inventivo, tal qual nos mostrou Jacques (2001), que recorre à Hélio Oiticica, ao flâneur e ao Labirinto para dar um outro olhar à experiência na/da arquitetura da favela, compreendendo a ginga que corpografa esta arquitetura, singulariza-a, sem processo de romantização ou hegemônica, mas, como num mapa de rizomas, arquitetura marca os corpos, assim como corpos marcam a arquitetura. Nos atiramos a gingar com a vida, com a teia das relações, com os jogos com a arte.

Na (des)continuidade das linhas de problematização, recorro ao desejo de pautar o corpo. O corpo do pesquisador, o corpo artístico, o corpo social dos bandos de resistência. O corpo aqui é tomado como lócus dos modos de subjetivação, normativos, libertários, singulares. Assim, corpo aqui pretende ser visitado: teoricamente, metodologicamente, politicamente, artisticamente sendo sempre nossa opção para abordar a subjetividade. Diante da tradição dicotômica corporeamente, e da escolha por um dos lados (mente/alma/psique) feita pela Psicologia, somamos voz às linhas de pensamento que o abordam como uma visão não-dicotômica. O corpo, a matéria negada pela ciência da subjetividade, não é negada pelas vias de produção capitalística das realidades; pelo contrário, tem sido foco de interesse de mecanismos de controle, investimento e gestão, de onde podemos pensar o corpo-reprodução, o corpo-produtividade, o corpo-norma. Se a macropolítica quer o corpo docilizado, nosso interesse é vê-lo gingar!

Com enfoques decoloniais, podemos imaginar e recompor bases para as noções de sujeito, sujeita, sujeite e subjetividade, tão marcadas pelo projeto da modernidade/colonialidade. Abordar criticamente os argumentos tradicionais de sujeito (e sua relação com a modernidade) é questionar uma noção tida como universal, sendo esta uma operação colonial (ALVES; DELMONDEZ, 2015). Questionar o universal é também questionar os lugares atribuídos à alteridade, ao não-europeu, ao não-branco ao não-homem. Os corpos dissidentes, que resistem, reivindicam novos destinos.

Partirmos de uma ideia de ciência encarnada, capaz de produzir outro tipo de subjetividade, uma “objetividade corporificada”, conforme em Donna Haraway (1995), produzindo saberes responsáveis pelo que produz, pelos lugares que ocupa. Ciência, aqui, materializada no corpo do pesquisador, no corpo deste projeto, no corpo de uma rede de teorizações e experimentações que se permite não previsão (como tanto se quer, pelos códigos oficiais) mas evocação, incitação, instigação. Também o corpo experimenta as condições de existir.

Na voz de Linn da Quebrada, apresentada por uma integrante da Cia. Translúcidas que se inspirou muito na artista para sua própria construção de uma identidade trans, exploramos a ideia de que ser artista “tem a ver com criar sobre minha própria existência, criar sobre o meu corpo”. Também sobre nosso corpo, Linn. Fomos experimentando e, assim, “interferindo e fazendo coisas que causasse, acontecimentos” (LINN DA QUEBRADA, 2017, np).

Destes percursos apresentados, proponho interrogar: O que estas experiências artísticas nos ensinam¹? Aqui, propomos um recorte para nos referir a artistas e coletivos que trabalham com perspectivas de arte desviante, bicha, trans, preta, periférica e, assim, criam posições decoloniais. Destas práticas, me interessa especialmente por aquelas que borram o fazer arte com seus modos de vida, como apresentada na ideia de “vidobra”, sendo “o desdobramento de experiências existenciais em obra que, por sua vez, se converte em novos modos de existência” (GUIMARÃES; BRAGA, 2017, p. 28).

Nesse percurso, pautando-nos em discussões sobre gêneros e sexualidades abertas à perspectiva de processualidade, multiplicidade e fazimento, como as políticas e estudos *queer*, ou kuir, ou cuir, ou do cu, ou demais explorações teóricas que tem-se produzido no Brasil. Entendo como produtivos os incômodos de pensar o *queer* decolonial (PEREIRA, 2015). Mais produtivo ainda é manter abertos tais impasses, buscando movimentos criativos para as teorizações do lado de cá. As perspectivas que articulam óticas decoloniais com as discussões sobre sexualidades e gêneros dissidentes são foco de interesse da pesquisa, não para encontrar respostas, mas para aumentar incômodos. Incomodar é algo que “essa gente” parece gostar.

Na tomada de perspectivas decoloniais, esta necessidade/desejo anunciada acompanha processos de reconstrução epistemológicas desde a perspectiva do Sul, da América Latina, do Brasil, da realidade local, do bando. Assim, a angústia vai se traduzindo nestas necessidades/desejos: pautar gêneros e sexualidades dissidentes, processos de criação artística, corpos situados como referências para modos de subjetivação e perspectivas decoloniais sobre políticas subjetivação que se posicione criticamente diante das formas de racialização, generificação e outros eixos de criação de categorias identitárias.

Desta perspectiva, é muito urgente pautar o presente, encontrar a medida do presente, estar à altura do acontecimento, a fim de esmiuçá-lo, desembaralhá-lo, reconfigurá-lo no sentido de evidenciar as políticas de subjetivação. Assim, abrimos espaço para configuração, sob outros moldes (ou mesmo sem moldes), de novas políticas:

1 Parafrazeando a pergunta de Nietzsche: “O que podemos aprender com os artistas?” no aforismo 299, do livro “A Gaia ciência” (2011), Para ele, podemos ir além de artistas: aprender a viver.

Se as dinâmicas em questão referem-se ao funcionamento do desejo e correspondem a políticas de subjetivação não há como desmontá-las se não se interfere nesse âmbito. Aqui, entra em jogo o exercício da clínica, de um ponto de vista em que suas fronteiras com a arte e a política tornam-se indiscerníveis, ou seja as potências de curar, criar e resistir tornam-se indissociáveis (ROLNIK, 2003, p. 6)

Esse projeto pretende-se somar às resistências, na produção de práticas, saberes, olhares posturas, posições, entendimentos, produzidos pelas pessoas e grupos implicados numa perspectiva ética, plural, emancipatória, ecológica, da relação com os mundos, mundo-planeta, mundo-pessoas, mundo-ideias, mundo-mundos.

Com base nestas problematizações, se contrói o objetivo da pesquisa, voltado a acompanhar processos de criação artísticos vividos pelo pesquisador em intercâmbio com artistas e coletivos artísticos que, em suas experiências, articulem discussões de raça, gênero, sexualidades e demais demarcadores sociais de diferença. Destas experiências buscamos cartografar modos de subjetivação resistentes, na associação borrada entre arte e vida. Essa mistura produz formas de existir, ser no mundo, que buscam – não sem contradições ou domesticações – mas que reivindicam um direito à singularidade. Com estes(as) interlocutores(as), busco compartilhar modos de descolonização do corpo, possibilidades de criação de novas figurações de sujeito, sujeita, sujeite e subjetividade que possam contribuir para as resistências na atualidade.

De modo mais específico, busco aproximação com o diverso campo de estudos e práticas decoloniais interessado nas interseccionalidades entre gênero e raça; aproximação com a produção de artes que pautem a dissidências e existências marcadas historicamente pelo lugar da diferença; e mais diretamente, intercâmbio com artistas/coletivos cuja participação na pesquisa darão respaldo para a escritura, teorizações que comporão a tese e um processo artístico prático.

Metodologia

Numa certa deslealdade à norma científica tradicional, buscamos iniciativas que desmantelam binarismos que a constituem e formam alternativas criativas e criadoras. Na busca por pistas, encontramos

algumas no método da cartografia. Seguindo essa rota, vemos que a relação entre participantes da pesquisa é entendida como uma composição de corpos envolvendo afecção mútua (ALVAREZ; PASSOS, 2009). A relação entre participantes de uma pesquisa é de agenciamento, espécie de co-funcionamento que forma um campo coletivo, vivenciado nos contextos onde se pesquisa. Nos emaranhados das relações.

O objetivo é sair do campo da representação e situar-se no campo da experimentação (STUBS; TEIXEIRA-FILHO; GALINDO, 2020). Não se trata de enquadrar o estudo sobre uma prática ou obra, a fim de decifrá-lo ou interpretá-lo. Trata-se, antes de recorrer aos devires artísticos como dispositivos de criação, que através de seus rastros possam ser cartografados, vistos, problematizados, virados de cabeça para baixo.

A escritura, no corpo e na tese, que surge desse co-funcionamento, se faz no entre, é devir que pede passagem. Produz efeitos. Promove saúde, tomada de um ponto de vista diferente, que Deleuze (1997) denomina de um empreendimento em saúde, inclusive por considerar os frágeis estados em que artistas se colocam: os tímpanos perfurados, os olhos vermelhos, de ter ouvido e visto coisas fortes demais, falam de uma “frágil saúde irresistível” (1997, p. 14).

Também apostamos na relocação da problemática da pesquisa, no tipo de empreendimento que faz emergir. Não estamos sós. Esta pesquisa procura formar alianças estranhas com posturas metodológicas que tencionam as relações entre Arte e Psicologia, e propõe pesquisa com arte. Nesse sentido, o “próprio pesquisar é considerado um processo criativo, fato que autoriza o pesquisador a fazer arte como meio de fundir a teoria e a prática, em seu processo de investigação” (STUBS; TEIXEIRA-FILHO; GALINDO; 2020, p 3).

Não pretendo qualificar esta pesquisa em um ou outro modelo de pesquisa, mas antes, buscar conexões parciais (HARAWAY, 1995) com experiências que compartilhem de configurações e inquietações parecidas, uma “conversação mais ampla e profunda sobre as políticas e práticas” (STUBS; TEIXEIRA-FILHO; GALINDO, 2020, p. 3). Frutos dessa conversação, encontro-me com movimentos que buscam visibilizar uma “razão sensível que mobiliza tanto aspectos intelectuais e cognitivos quanto artísticos e estéticos” (p. 4).

É neste ponto que retomamos o corpo, desde uma perspectiva de objetividade encarnada, como sendo resultado de uma ciência

localizada (HARAWAY, 2015). Assim, falar em “corpo” nessa linha de imaginação/problematização carrega um tempero especial, pois pretende jogar o corpo do pesquisador na roda.

Partem da experiência artística do pesquisador, a relação com o teatro, pautada numa perspectiva popular, do teatro de rua, da ocupação de espaços alternativos, que buscam derrubar a 4ª parede, e demais paredes da arte e das relações sociais, em geral. Na experiência com essa forma de fazer teatro, outras “linguagens artísticas” foram experimentadas: performance, dança, culturas populares, vídeoarte, música, para citar algumas. Por este motivo, talvez a melhor opção seja a de associar a proposta de arte aqui feita como “arte do corpo”, pois se interessa em “colocar o corpo na roda”. Ao enfatizar a experiência encarnada, podemos provocar a noção de sujeito, faze-la ganhar outros contornos, buscando uma “construção descentrada e fragmentada desse sujeito processual” (STUBS; TEIXEIRA-FILHO; GALINDO, 2020, p. 4).

Sobre os procedimentos, para me referir ao desenho da pesquisa, podemos dizer com alguma certeza de seu ponto de partida, este nó até aqui apresentado. Seguimos a proposição de que a pesquisa tem um ponto de partida de onde inicia-se um processo que não se sabe onde vai dar, como na pesquisa cartográfica (ALVAREZ; PASSOS, 2009).

O processo criativo inicia-se com o mapeamento de artistas e coletivos que trabalhem na perspectiva acima apresentada. Essa tarefa pode ajudar a desenhar a rede de iniciativas, posicionamentos, experiências, de acordo com critérios a serem estudados e elencados durante o processo de pesquisa. A proposta, a partir desta seleção, não é por realizar entrevistas, mas realizar intercâmbios artístico-teórico-prático-políticos, trocas conforme os encontros se configurarem, conforme as condições de desejos e possibilidades. Os intercâmbios criativos são tomados como formas de “troca construtiva” (LEON CEDEÑO, 2007), ou seja, formas de contribuição mútua em processos de pesquisa com coletivos de militância, lugares onde a ação coletiva são configuradas e experimentadas com observância e relevância

Destes intercâmbios, os frutos serão trazidos para a elaboração de um produto artístico-teatral², um dos resultados da pesquisa aqui

2 Utilizo o termo em substituição à espetáculo ou peça teatral, por se referir a condições específicas de troca entre artista e público. Outras formas podem ser descobertas, a exemplo das *intervenções cênicas*, ações que se aproximam da performance – atravessam o cotidiano, propõem interação com o público, se configuram como acontecimentos.

proposta. Transversalmente, se dará a produção de um texto escrito – a tese, propriamente dita – onde caberão as teorizações discorridas com e a partir das experiências. Investe-se, nessa pesquisa, na criação de um dispositivo que transversaliza os campos construídos disciplinarmente como distintos, a arte e a psicologia, para materializar dois “produtos” que podem estabelecer diálogo com diferentes públicos: um cênico com pretensão de circular e apresentar-se em espaços ainda a serem definidos, e a tese escrita, que tende a circular nos territórios acadêmicos.

Sobre a escrita, ainda inspirados na proposta cartográfica e demais práticas críticas da produção acadêmica, o projeto pretende investir em políticas de escrita, que se situam na fronteira entre as formas de inteligibilidade acadêmico-institucional e as brechas de criação de formas de escrita alternativas – que dialoguem com um público não acadêmico, que afirmem a poética na literatura científica, que desestabilizem formalizações e racionalidades tradicionais a que convivemos, fomos produzidos, mas que aprendemos a questionar.

Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo compartilhar algumas problematizações que têm acompanhado a construção da pesquisa de doutorado acima descrita. Investe em alguns cenários, faz algumas apostas. Apostas aqui são diferentes de hipóteses; não pretendemos descobrir algo para, quem sabe, validar indicações de pesquisa. Busca antes, criar cenários, produzir micropolíticas, condições de possibilidades para existências dignas para vidas possíveis, em diálogo com interlocutores e interlocutoras teóricas ou artistas.

Apostamos, assim, nas políticas do encontro, quando pretendemos diálogo com artistas e coletivos artísticos que têm feito da arte sua forma de grito, respiro, solidariedade, aliança, cuidado, e vivenciar expressões de gêneros e sexualidades dissidentes, sim. Apostamos nas experiências disseminadas em vários lugares do país, que fazem suas artes em contextos diversos, que mostram a multicoloridade em seus corpos e corporalidades, que movimentam e lutam pela subversão das normas e desconstrução das estruturas sociais, afetivas, políticas, etc.

Apostamos na interlocução com campos de saberes de dentro e de fora da Academia, formando ecologias de saberes (SANTOS, 2009). Por isso, o interesse com estudos e políticas *queer* e com o

pensamento decolonial, e outros produtores de saberes não localizáveis nestes termos. Assim, buscamos somar à rede de provocações aos campos das ciências, em especial, a Psicologia, que busquem a revisão crítica das bases epistemológicas hegemônicas, contribuindo assim, para a produção de novas psicologias, menos afeitas a colonialidade das subjetividades.

Referências

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ALVES, Cândida Beatriz & DELMONDEZ, Polianne. Contribuições do pensamento decolonial à psicologia política. **Revista Psicologia Política**, vol. 15, 2015.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands / La Frontera**: The New Mestiza. San Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

AKOTIERENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

COLLING, Leandro. A emergência e algumas características da cena artista das dissidências sexuais e de gênero no Brasil da atualidade. In: _____ (org.). **Artivismos das dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

GALINDO, Dolores. “Quem se importa com experimentos?” Ontologias variáveis, inquietações *queer*. In: FILHO, F.S.T.; PERES, W.S.; RONDINI, C.A.; SOUZA, L.L (orgs.). **Queering**: problematizações e insurgências na Psicologia Contemporânea. Cuiabá: Ed.FMT, 2013.

GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografia do Desejo. Petrópolis: Editora Vozes. 1986.

GUIMARÃES, Rafael Siqueira de; BRAGA, Cleber. Vidobras dissidentes na música pop brasileira. In: **Revista Cult**, São Paulo, n. 226, p. 28-31, 2017.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** (5), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 1995, pp.7-41.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga**: a arquitetura das favelas a partir da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. Companhia das Letras. São Paulo, 2019.

LEÓN CEDEÑO, Alejandra A. El Trueque Constructivo: Buscando formas respetuosas de trabajo con prácticas contrahegemónicas. **Fermentum**: Revista de Sociología y Antropología, Año-v 17, n 50, pp. 626-645, Sep-Dic, 2007.

LINN DA QUEBRADA. “Ficou insustentável fingir que nós não existimos”. Entrevista concedida a Marcelo de Tróia. In: **Revista Cult**, disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-linn-da-quebrada/>>, acessado em 23/11/2017.

LOPES, Herbert de Proença. **Cartografias de vivências trans: experimentações teatrais e modos de subjetivação**. 2018. 236f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2018.

PEREIRA, Pedro Paulo G. *Queer* decolonial: quando as teorias viajam. **Contemporânea**, v. 5, n. 2, p.411-437, Jul.-Dez. 2015.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N1 Edições, 2014.

ROLNIK, Suely. **“Fale com ele”, ou como tratar o corpo vibrátil em coma.** 2003. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/falecomele>>. Acessado em 20/10/2020.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2009.

SHOCK, Susy. **Yo, monstro, yo.** 2015. (3m08s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fTDLdT_5ltA>. Acesso em: 20 out. 2020.

STUBS; TEIXEIRA-FILHO; GALINDO. Experiências e apontamentos para a pesquisa em Psicologia Baseada nas Artes. **Rev. Psic. e Sociedade**, vol. 32, Belo Horizonte , 2020.